

Marta Cerqueira

entrevistada por Raquel Ribeiro dos Santos

O que é que acontece quando ficas sem palavras?

A linha desenha

O espaço move-se

O corpo fala

SubLinhar inscreve-se na longa tradição dos espectáculos que não facilitam a interpretação das crianças. Por vezes chega a ser enigmático e assustador. Outras vezes é hilariante e provocador. Aproximando-se da linguagem delicada e contida de espectáculos como *Matrioska* de Tiago Guedes, ou da hilariante orquestração de movimentos e sons, como em *Barulhada* de Tânia Carvalho, em *SubLinhar* a coreógrafa e intérprete Marta Cerqueira soube dizer muito, com muito humor e sem palavras.

—

Como surgiu a motivação e a ideia para este espectáculo?

Este espectáculo é a resposta ao convite da programadora Susana Menezes para que desenvolvesse uma criação em dança, com uma componente muito física. Agarrei-me à vontade de falar com o corpo sobre O Corpo, sugerindo que é preciso vivenciar o mundo corporalmente e por meio do sensível. Essa foi a minha grande motivação.

É também a resposta ao que andava a viver nos espectáculos para crianças. Uma das perguntas que mais surgiam nas conversas com crianças, no final dos espectáculos, era “Porque é que não falas?”. E isso ficou de modo muito forte, e na minha curiosidade: “Porque é que os meninos faziam esta pergunta?”. Então insisti nessa resposta: “O corpo também fala, com os gestos.” Isso acompanhou-me durante todo o processo do *SubLinhar*. Essa foi uma das vontades que tive. Que sublinho neste espectáculo.

—

Criar para a infância é diferente dos outros trabalhos de criação artística?

Tive algumas preocupações de base — a duração da peça, a construção de contrastes, evitar a monotonia, usar materiais que fossem aproximados às referências das crianças. Mas, ao mesmo tempo, ao nível de materiais de pesquisa para o corpo (para mim) não me preocupei muito se estava a fazer uma criação para crianças. Deixei-me levar pelos meus próprios interesses como artista e intérprete desta peça. Durante muito tempo trabalhei tal e qual trabalho para adultos: estive à volta do tema e do que me interessava, fiz muitos exercícios para mim, para o meu próprio corpo. No puzzle final vêm então essas preocupações relativas ao público a quem se destina. Isso interessa-me. Não me são indiferentes.

Mas não há diferença na construção do espectáculo: se for honesto o que eu quero dizer, se sentir que estou contente com o que fui produzindo, não há diferença. Os espectáculos para escolas e famílias têm mais sessões, e as escolas vêm de modo numeroso, são espectáculos que acabam por ser mais vistos, essa é uma grande diferença.

—

Como foi o processo de criação?

A minha formação inicial em dança — específica e intensa — está muito presente na minha pessoa e na maneira como crio. Adoro brincar. Gosto muito de trabalhar em grupo. Com outras pessoas. De fazer pingue pongue de ideias. Gosto que a minha ideia ressoe no outro

e depois desenvolver a partir daí. Muitas vezes os meus processos vêm a partir de jogos, de brincadeiras e de humor.

No **SubLinhar** o processo foi mais solitário. A Inês Campos, que tem imenso humor, ajudou-me na criação. Mas neste espectáculo estive mais inspirada por coisas que ouvi e que senti necessidade de responder à minha maneira. Como é o exemplo da pergunta “Porque é que não falas?” ou “Mas quem é que desenhou isto tudo?”. Adorei estas perguntas. Na verdade, bebi muito das crianças que estavam à minha volta. Tenho a sensação de que no trabalho estive muito atenta às perguntas que as crianças faziam.

Houve também ideias que, à medida que fui criando, vinham com alguma clareza e passei isso aos criadores que convidei. E depois eles é que vão ao encontro ou se desviam. O resultado desta peça não é bem o que pré-visualizei, mas acho que essa é a riqueza da criação e de trabalhar com os outros.

Interessa-me a escuta das coisas que quero mesmo experimentar. Havia secções, parcelas, não o todo, que ia traduzindo para as pessoas que criaram comigo. E depois elas acrescentaram elementos que se compõem num todo. O que apresentaram encaixa na perfeição, ainda que possa não ser o que estava à espera.

A linha surgiu desde o início e foi proposta ao João Calixto, que ajudou muito a encontrar o material certo. A linha esteve desde o início na minha ideia: é um objecto leve e transportável e é um signo gráfico que permite facilmente desenhar e materializar aquilo que vai na imaginação (achava eu!) e queria pôr o espaço a mexer. Ao nível do som, durante todo o processo, fui falando com o Simão Costa, mas houve coisas específicas que fui passando: texturas e o som do desenhar a giz no chão, por exemplo. Na luz, a Cárin Geda foi acompanhando alguns ensaios e eu também fui falando do que imaginava: o círculo grande, por exemplo.

—

Devolves-nos uma pergunta para pensar o espectáculo?

Como é pensar com os pés e caminhar com a cabeça?